

Voltar

MANUEL BANDEIRA E SEUS “HETERÔNIMOS”

Sempre pensei em escrever um ensaio sobre os “heterônimos” de Manuel Bandeira, as várias facetas do poeta que permanentemente reaparecem em suas obras: o agnóstico e o católico, o hedonista e o estoico, o mórbido e o erótico, o clássico e o romântico... Talvez nunca o escreva, mas é possível ao menos indicar essas linhas conflitantes e muitas vezes complementares de sua poesia.

Essas facetas são familiares aos que frequentam os seus livros de poemas. Se Manuel Bandeira, o poeta das estrelas frias e inacessíveis, também foi marcado pela influência de Machado de Assis, sua visão pessimista do mundo era contrabalançada por um lirismo que suavizava os aspectos mais cruéis do seu desengano existencial, provocado pela doença que o acompanhou durante a vida. Seu humor não era cáustico como o do mestre carioca e, de vez em quando, inesperadamente, fazia entrar em cena um homem católico em franco contraste com o viajante hedonista de Pasárgada ou o doente estoico aguardando ansiosamente pela morte do corpo e da alma.

Compreendia a sua vida pessoal como uma espécie de poema melancólico escrito pelo Destino (“...veio o mau destino e fez de mim o que quis”, confessa num dos primeiros trabalhos), referindo-se à tuberculose, que o afetaria para sempre. O sentimento da doença e da morte, sempre em contraste com o amor da carne — eis os dois grandes hemisférios de sua poesia.

Há um poema de Bandeira que parece exprimir bem o seu pessimismo. Foi escrito em abril de 1935, conforme testemunha do escritor Marques Rebelo. O ateu Rebelo assistia, na companhia do agnóstico Manuel Bandeira, à missa de sétimo dia do contista Alcântara Machado. Os dois sobravam na igreja entre deputados, políticos, funcionários da Câmara, magnatas da indústria e do comércio, gente que nada tinha a ver com literatura.

Depois da missa, já caminhando na rua, Bandeira tirou um papel do bolso e deu a Rebelo:

— Fiz ontem. Saiu de uma assentada.

Era o poema "Momento num café". O texto falava de um enterro passando à frente de um café, no Rio de Janeiro. Os homens saíam à porta, saudavam o morto. Mas o faziam distraídos e maquinalmente, pois estavam todos voltados “para a vida, absortos na vida, confiantes na vida.” Todos com exceção de um, que se descobriu “num gesto largo e demorado, olhando o esquife longamente: este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade, que a vida é traição, e saudava a matéria que passava liberta para sempre da alma extinta”.

Marques Rebelo conta que suas mãos tremiam com aquele pedaço de papel entre os dedos, numa espécie de integração total naquela verdade exposta de maneira simples e no entanto contun-dente: a matéria que passava liberta para sempre da alma extinta. Estranha concepção de liberdade, vinculada ao desaparecimento do que, no ser humano, lhe é mais caro! “A vida é traição”, diz um dos versos desse belo e, no entanto, terrível poema. O mesmo não teria dito Machado de Assis?

“Tudo é milagre”, dizia o Manuel Bandeira da velhice, em seu último livro de poemas. A vida é um milagre; a flor, o pássaro, o espaço, o tempo, a memória e a consciência eram milagres. “Tudo, menos a morte. Bendita é a morte, que é o fim de todos os milagres”. Já desejou morrer de corpo e de alma, completamente, sem deixar uma alma errante, pois nenhum Céu poderia satisfazer o seu sonho de Céu. “Morrer sem uma lágrima”, pois a vida não valia a pena e dor de ser vivida; essa vida “absurda, sórdida, ávida, má”, que tornava qualquer mulher grávida a coisa mais triste do mundo, como disse no poema “Entrevista”, de *Estrela da tarde*.

Mas a obra poética de Manuel Bandeira também revela um homem muito apegado à religiosidade católica de sua infância. Mesmo quando parecia profundamente descrente na vida sobrenatural, sabia conservar um grande carinho e respeito por aqueles personagens católicos que haviam povoado sua infância de menino provinciano: Menino Jesus, Nossa Senhora, Santa Terezinha, São Francisco de Assis, de quem traduziu a famosa “Oração”. A sua Pasárgada, cidade utópica que construiu num de seus poemas

mais famosos, era uma mistura de Céu católico com ingredientes notoriamente pagãos.

Fez belos poemas religiosos. No poema “Ariesphinx”, em que revelou quais foram as forças vivas da sua vida — “A força da doçura, a força da poesia, a força da música, a força das mulheres e das crianças” —, encerra com “a força de Jesus — o cordeiro de Deus”. E quando eu lia esses poemas “católicos”, de mistura com aqueles outros que, na adolescência, mais me interessavam, de certa forma me faziam ver que religião não era coisa tão ruim assim, pois o grande poeta Manuel Bandeira se interessava por aqueles assuntos. Sou grato a esse poeta que, embora tenha me ajudado bastante a me afastar de Deus, paradoxalmente me manteve simpático às coisas católicas. (No final a vida, Manuel Bandeira dedicou um soneto ao Papa Paulo VI. Está em seu último livro, *A estrela da tarde*. O poeta esperava que o Pontífice fosse “reconduzir a cristandade ao aprisco do Pai”, “quando em torno de nós raiva o funesto desvairo”).

Sempre se exprimiu com simplicidade e humildade franciscana, num estilo admiravelmente conciso que, embora claro e simples, nunca abdicava da dúvida e do mistério, astutamente disfarçados — como se tivesse vergonha de aparentar profundidade. Famoso por fazer uma poesia inspirada na “vida besta” do cotidiano, que era uma fonte sem fim de motivos e de imagens, não conseguia abafar um fundo de mistério que, aqui e ali, aparecia em seus versos.

Bandeira esteve sempre indeciso entre o hedonismo, que mandava aproveitar o momento que passa, e um estoicismo mais ou menos cristão, que preferia trazer as paixões sob controle. Em seu “Soneto inglês nº 2”, manifestava um estranho desejo de santidade que, mesmo não admitindo nenhuma sorte de transcendência, procurava dirigir a vida para o caminho da moralidade judaico-cristã. Buscava aceitar o castigo imerecido da doença e da condição humana, e, sem esperança num mundo além do mundo, aspirava “a coragem de ser um novo santo”, morrendo sem nenhuma lágrimas, pois a vida não valeria a pena e a dor de ser vida.

Não conseguiu aceitar a sua cruz? Aos oitenta anos, embora ainda amigo da vida que passa, já andava “com uma grande von-

tade de morrer”. Se havia, no poeta do carnaval, um hedonista que pedia a Deus que afastasse o cálice do sofrimento, e o deixasse viver em Pasárgada, houve outro que tentava sorvê-lo com a paciência dos santos. Numa das últimas fotos, já octogenário, aparece cingindo ao peito um crucifixo. É comovente ver esse homem preparando-se para a morte. Parecia dizer-nos: eis que a vida vale a pena de ser vivida, mesmo com suas dores. Era a lição do Crucificado, aprendida nos últimos minutos do segundo tempo, quando já se fechavam as cortinas do jogo da vida (para lembrar as palavras do locutor esportivo Fiore Gigliotti).

O cidadão Manuel Bandeira chegou a considerar-se de esquerda e foi por algum tempo filiado ao Partido Socialista Brasileiro, de um socialismo que hoje melhor chamaríamos de social-democracia (repudiava o totalitarismo soviético e nunca militou na vida política), mas na década de sessenta já o encontramos apoiando o Marechal Castelo Branco e sua contrarrevolução conservadora.

“Sou poeta menor, perdoai”, dizia de si mesmo o grande poeta Bandeira. Não sei se usou o adjetivo no sentido espacial, de poeta que praticou formas mais curtas; ou no sentido crítico, de poesia inferior. De qualquer modo, nosso maior poeta julgava-se o único com direito a fazer restrições à própria obra. Diante do menor reparo alheio, transformava-se num zeloso cão de guarda do próprio edifício.

Qual foi o Manuel Bandeira que venceu a luta final? O homem que desejava a morte da alma? O que dizia ser a morte o fim de todos os belos milagres da vida, ou o que escreveu belos poemas sobre Santa Terezinha do Menino Jesus, Nossa Senhora, o Céu cristão?

Rezemos, nós que amamos a sua poesia, pela salvação de sua alma. Creio que ainda há tempo dele se salvar, mesmo transcorridas várias décadas da sua morte. O tempo, na “comunhão dos santos”, é milagrosamente sincrônico. Padre Pio pedia pelo fim do purgatório de seu avô, mesmo quando já sabia que ele estava no Céu.